



Ilustrações: Michele Iacocca

Destaque e guarde

Os moradores das cidades consomem muita água, eletricidade e produzem muito lixo – quase sempre mais que o necessário. Esse consumismo, diretamente ligado ao desperdício, é o inimigo número 1 da qualidade de vida no meio urbano.

MEIO AMBIENTE
Conhecer para preservar

Consumo e desperdício, os pecados das cidades grandes

As metrópoles oferecem oportunidades de trabalho e lazer, acesso ao consumo, à cultura, à informação, equipamentos de saúde e educação, um convívio social intenso e diversificado. Mas, ao mesmo tempo, elas concentram e agravam problemas ambientais. Estudos realizados entre 1977 e 1993 mostraram que a poluição dos grandes centros pode diminuir em até um ano a expectativa de vida de seus habitantes. Como enfrentar esses problemas, para usufruir plenamente tudo de bom que a cidade nos traz? É o que vamos discutir neste fascículo.

As estimativas são de que, em 2015, a população das cidades corresponderá a 54% dos habitantes do planeta.



A opção pela cidade

O apelo urbano tornou-se irresistível a partir da Revolução Industrial. Atrai-das pelos empregos nas fábricas, as pessoas deixaram o campo em busca de uma vida melhor nas cidades. E o modelo de industrialização e urbanização se universalizou. Com o tempo, a concentração populacional acabou se tornando o principal problema ambiental associado à vida urbana. Afinal, não é fácil assegurar transporte coletivo, água tratada, esgoto e outros equipamentos públicos para toda essa gente, que em muitos casos, como no Brasil, se amontoa em favelas.

Portanto, para preservar as cidades, precisamos combater os dois maiores pecados da vida urbana: o consumo exagerado e o desperdício. Veja algumas áreas críticas.

Água: na dúvida, feche a torneira

No Brasil, a preocupação com a escassez de água potável está apenas começando, pois dispomos de cerca de 12% da água doce em estado líquido no planeta – as maiores reservas mundiais. Mas é bom evitar o desperdício desde agora. Em primeiro lugar, porque 80% da nossa água potável está na Amazônia, longe das grandes cidades. Em segundo lugar, porque boa parte do líquido nem chega aos consumidores. Na cidade de São Paulo, por exemplo, 36% da quantidade fornecida se perde nos vazamentos da rede de distribuição.

Além disso, nosso país está longe de dispor de muita água tratada, o que se reflete nos altos índices de mortalidade infantil. Em 1998, morreram 36 em cada grupo de 1000 crianças brasileiras, em muitos casos devido a diarreias e outras doenças disseminadas pelo líquido contaminado. Em resumo, não desperdiçar água e tratá-la antes do consumo é uma questão vital.

Energia se economiza!

Em 2001, o Brasil enfrentou uma grave crise de energia, decorrente da falta de chuvas e da carência de investimentos públicos e privados no setor. Para evitar o “apagão”, os brasileiros tiveram de reduzir seu consumo – e conseguiram fazê-lo sem grandes problemas. A resposta popular mostrou que era possível eliminar muitas formas de desperdício no consumo de eletricidade nos lares. Manter os hábitos de economia, mesmo sem o risco de ter a luz cortada, é muito importante num país como o nosso, no qual as hidrelétricas geram 92% da energia. Para isso, bas-

ta controlar o consumo da geladeira, do chuveiro, da iluminação e da televisão, responsáveis por 85% da conta de energia elétrica nas residências.

O lixo nosso de cada dia

No início dos anos 2000, as cidades brasileiras produziam mais de 90 mil toneladas de lixo por dia. No entanto, 27% dos domicílios não dispunham de qualquer tipo de coleta. Apenas 60% dos resíduos eram recolhidos – o restante acabava nos rios, nas ruas e em lixões clandestinos, gerando produtos tóxicos que se infiltram no solo e contaminam os lençóis subterrâneos de água.

O lixo brasileiro tem forte presença de restos de alimentos, que representam mais de 50% da composição. Esse dado reforça a possibilidade de seu reaproveitamento. Calcula-se que, dos resíduos coletados no país, 35% poderiam ser transformados em adubo orgânico e outros 35% reciclados.

A verdade é que muita gente sobrevive graças ao lixo. Segundo a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a In-

fância), mais de 40 mil pessoas vivem diretamente da “catação” em lixões e outras 30 mil da “catação” nas ruas. Em Olinda (Pernambuco) e outros centros, as crianças chegam a representar 50% dos catadores.

Transporte, ícone da vida urbana

Trânsito parado, congestionamentos quilométricos: para muita gente, essa é a imagem da vida urbana brasileira. E, em boa medida, da desigualdade social. Enquanto os mais pobres vão a pé para o trabalho ou se comprimem em transportes coletivos precários, outros viajam em automóveis luxuosos. Mas todos sofrem com o ar poluído – por causa da emissão de gases tóxicos pelos veículos – e com os engarrafamentos de trânsito. Em 1992, na cidade de São Paulo, a velocidade média de deslocamento de um automóvel numa via com semáforos era de 30 quilômetros por hora. Em 2002, a cidade contava com 5,3 milhões de veículos e a velocidade era inferior a 24 quilômetros horários.

O lixo jogado nos lixões...

- destrói a vegetação ao redor
- causa mau cheiro
- atrai moscas, ratos e baratas
- provoca doenças como cólera, peste bubônica, infecções e verminoses

A ameaça dos lixões

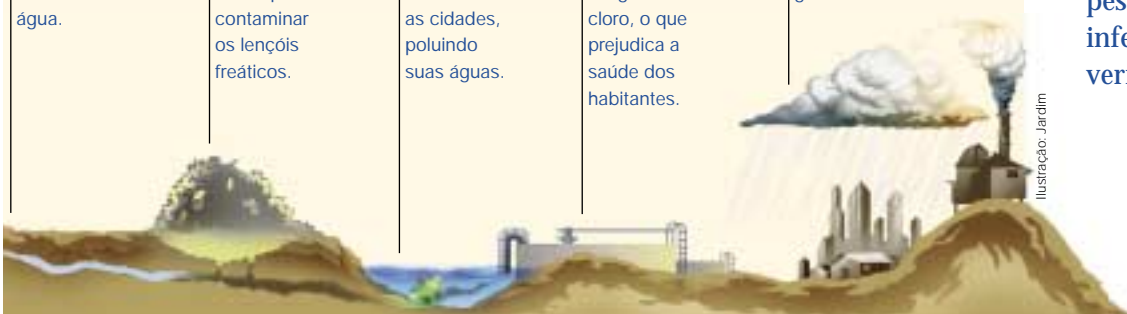
Lixões a céu aberto lançam substâncias tóxicas no ar, na terra e na água.

Com a chuva, o lixo decomposto se infiltra no solo e pode contaminar os lençóis freáticos.

Os lençóis subterrâneos desaguam em rios que abastecem as cidades, poluindo suas águas.

O excesso de impurezas na água exige a adição exagerada de cloro, o que prejudica a saúde dos habitantes.

A fumaça provocada pela queima dos resíduos libera gases tóxicos que, misturados à atmosfera, geram chuva ácida.



A cidade tem cura

Algumas soluções para os problemas das grandes cidades já são conhecidas. Por exemplo, no transporte, devemos priorizar os deslocamentos coletivos (em ônibus, lotações, metrô), em vez das viagens em automóveis particulares, que contribuem para o caos do sistema. Mas, em qualquer dos casos, é importante coordenar os esforços da comunidade e do poder público.

A verdade é que mesmo núcleos em estado quase terminal podem ser recuperados. Foi o que aconteceu com o centro industrial paulista de Cubatão. No livro *Educação Ambiental, as Ameaças ao Planeta Azul* (São Paulo: Ed. Scipione, 1994), José Carlos Sariego conta que, nas décadas de 1960 e 1970,



Cubatão era uma das regiões mais poluídas do mundo. “A partir de 1984, implantou-se na área um amplo programa de controle de poluição. As indústrias foram obrigadas a instalar filtros nas chaminés e a realizar um tratamento nos seus resíduos líquidos; milhares de árvores foram plantadas nas encostas da Serra do Mar, onde a chuva ácida havia destruído a vegetação. Com isso, eliminaram-se 81% dos poluentes atmosféricos. Os rios Cubatão e Mogi recuperaram a fauna e já não ocorrem mais doenças respiratórias ou nascimento de crianças deformadas.” Iniciativas desse gênero podem, sem dúvida, assegurar o direito a uma vida urbana rica e prazerosa – e devem ser estimuladas.

IDÉIAS PARA A SALA DE AULA

Lixo: pesquisas de reciclagem

Que tal pedir à turma para fazer uma pesquisa sobre reciclagem? Ela pode ser dividida em três tópicos:

- Descobrir se há programas de reciclagem em sua cidade. Em caso positivo, eles são realizados pelo poder público ou por ONGs?
- Verificar a destinação dos resíduos sólidos em metrópoles. Cada aluno poderá pesquisar uma cidade brasileira diferente.
- Fazer um levantamento de produtos elaborados com material reciclado.

Mutirão da economia

Faça com que os alunos percebam que, com gestos simples, é possível fazer muito pelo meio ambiente e ainda economizar. Divida a turma em dois grupos. Um ficará responsável pelas dicas de economia de água e o outro, pelas sugestões de como economizar energia elétrica. Depois, cada grupo deverá apresentar suas descobertas. Entre elas podem figurar: atenção nos vazamentos (em torneiras, canos, vaso sanitário); não deixar a torneira aberta enquanto escova os dentes; não dormir com a televisão ligada etc.



Este exemplar é parte integrante da revista ESCOLA, edição 164. Não pode ser vendido separadamente. Proibida a reprodução total ou parcial desta obra.